

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A,
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhados-Lisboa • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

GRANJO CONTRA GRANJO

O JORNALISTA COMBATE O PRESIDENTE DE MINISTERIO

Os leitores que digam como se há de classificar um homem cujas palavras são a antítese dos seus actos. Sem comentários, apresentamos uma opinião escrita e assinada por António Granjo, na "República" de 14 de Agosto de 1919, quando o governo Sá Cardoso combateu pela força das baionetas as justas reivindicações dos ferroviários da C. P. Eis a opinião:

"A forma por que o governo tratou a greve ferroviária não o acreditou. Os operários não são um regimento assoldado a quem se dêem vozes de comando; e não podem ser colocados fora da lei, como criminosos ou malfeteiros."

Quousque tandem?

A greve dos ferroviários mantém-se. Mantém-se porque não mostrou o governo disposto a negociar. Os ferroviários não têm, de maneira alguma, a culpa de intransigência ou de rebeldia. Apenas se salvaguarda uma defesa que acautele interesses materiais, mas que também interessa moralmente. Uns e outros têm sido prejudicados pelo governo. Os interesses materiais, visto que os salários vigentes nas linhas do Estado mal chegavam para mandar pagar o cego e não podiam, de maneira nenhuma, prover às necessidades dum indivíduo, muito menos às necessidades duma casa-família. Na Companhia Portuguesa a coisa ia pela mesma linha. Este ponto de vista, pois, também aqui a paga era ínfima. Os interesses morais dos ferroviários também o governo os deixou pretendo impor-lhes condições inaceitáveis para a realização duma eleição, condições que invadiam as atribuições da associação de classe. Depois disto, ocupação pela tropa, da linha de Sul e Sueste, forçando os ferroviários a trabalhar sob a vigilância de militares num momento em que ainda se pensava em greve. O governo fez quanto pôde para apressar a paralisação. De facto, a paralisação deu-se. Veiu, como um gesto inevitável de revolta, com uma espontânea resposta a tanto. Tem de dizer-se, porém, que nem aqueles terribes bofetões com os quais a burguesia vezes sonha, em noites agitadas de pesadelo, teriam levado a greve, em tão pouco tempo, uma obra de perturbação.

Que a vida nacional está em movimento perturbado. Os comboios circulam, o mesmo é que não há o sangue num organismo, mais depauperado. Isto é uma utopia. E' certo que a vida do país, males que já sentem, males que de futuro vão sentir-se. O governo ou tem a consciência disto, ou não importa, convencido de que a vida ou outro se estatelará paiz, miseravelmente, ninguém a responsabilizá-lo pelas presentes atitudes. O governo quer entendimentos com grevistas. Porque espera em que o diga ele. Sim. Diga o Granjo com que conta, como resolver o conflito, que os novos aguarda.

Restabelecimento da circulação dos caminhos de ferro, agenciado por elementos estranhos a estes ferroviários, sabe-se o vício é uma utopia. E' certo que, quando em quando, com a proteção de Deus, partem das estações uns comboios trópeços, conduzidos por inexperientes violentos ou por carneiros abúlicos, lá vão, apalmando o terreno, andando com a velocidade das aranhas, e gastando uma semana para ir do Rocio a Monção. E' evidente que este serviço conduzido de amarelos e soldados

NOTAS & COMENTARIOS

Outra arbitrariedade
Acabam de nos comunicar mais uma façanha do sr. António Granjo, presidente de ministério. Poderá parecer *blague*, mas afirmamos que não. Trata-se de mais um abuso da força. O sr. presidente de ministério, sem atender às leis que regulam a liberdade de imprensa, saltando sobre toda a lógica, sobre os menores sentimentos humanitários, mandou — como há dias fez a Manuel Ribeiro — prender, por ter escrito uns artigos subversivos acerca da greve ferroviária da C. P. de 1919, o jornalista sr. António Granjo. António Granjo, presidente de ministério manda prender António Granjo, jornalista!

Conceitos justos
A vida, desde que António Granjo subiu ao poder e decretou o comércio livre, subiu duma maneira aterrorizadora. Espelucando com a miséria do povo, com a miséria do Estado e incompetência dos ministros, uma troupe conhecida pelo nome de *novalistas*, banqueteados-se. Tem esses cavalheiros roubado com autorização de todos os governos, e agora que o sr. Granjo governa, mais tem aumentado os seus crimes. Razoão tinha o sr. Granjo (não este de cabelo à escovinha mas outro que era jornalista...) de cabelo à escovinha em escrever na *República* de 15 de Agosto do ano findo as palavras que seguem:

Em Portugal, o Estado está pobríssimo, e continuamos a falar de classes pobres — como de uma desgraça social irreversível. Entretanto, algumas dúzias de indivíduos, que se fizeram donos do país, enriquecem além das proporções consentidas pela nossa mediana.

Conceito justo é este. Oxalá o sr. presidente de ministério o leia.

Manuel Ribeiro encontra-se incomunicável na esquadra de Santa Marta

Continua preso na esquadra de Santa Marta, o nosso camarada Manuel Ribeiro. Como já dissemos aqui o crime que o levou à prisão foi o de escrever. Está, portanto, Manuel Ribeiro preso arbitrariamente. Os delictos de imprensa estão sob a alçada de uma lei especial que não ordena em qualquer dos seus artigos ou parágrafos a prisão dum jornalista que escrevesse cousas desagradáveis para o governo. Também não pode ser qualquer anónimo ordenar semelhante prisão. O jornalista só pode ser preso depois do julgamento e se a sentença assim o determinar.

O sr. presidente do ministério ao ser interrogado por uma comissão sobre este caso, alegou ignorar a prisão de Manuel Ribeiro. Só assim se entende, tomando como sinceras as palavras de António Granjo, que o autor da *Cadeia* se encontra ainda a ferros, porque decerto o presidente de ministério, apesar de muitas vezes ter saltado por cima da lei, não quereria dar o seu apoio a uma infâmia desta natureza.

Oxalá o sr. Granjo, que tinha obrigação de ler os jornais (porque não se pode admitir um presidente de ministério que desconheça a opinião do país) para dar as providências devidas, ordenando a soltura de Manuel Ribeiro.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte.....	14.414\$30	Transporte.....	14.462\$94
José Francisco Couto (Francisco).....	3\$10	José de Oliveira.....	2\$00
Marcos Pimenta.....	2\$50	José Pinto.....	2\$00
Carlos de Sousa.....	2\$00	Leonardo Dias.....	2\$00
Associação dos Manufatureiros de Calçado (Coligação voluntária).....	3\$40	Artur Marques.....	2\$00
Augusto Carlos Rodrigues.....	1\$00	Joaquim Costa.....	2\$00
José Elvas.....	1\$00	Manuel Ribeiro.....	2\$00
Quete entre os construtores de macadam do 5.º e 7.º grupo da C. M. L. — Contribuintes:		Alfredo Ferreira.....	2\$00
Joaquim Tavares dos Santos Roque de Brito.....	6\$05	Horácio Santos.....	2\$00
Manuel Lourenço.....	6\$05	António Vieira.....	2\$00
Feliciano Ferreira.....	6\$05	Quete em Amareleja. — Contribuintes:	
Joaquim Fernandes Diniz.....	6\$05	Manuel António de Almeida.....	1\$00
Nuno Sérgio dos Santos.....	6\$05	Agostinho Caeiro Arreaga.....	2\$00
António Lopes.....	6\$05	José Borlão Lebre.....	2\$00
Alfredo Rodrigues.....	6\$05	Agostinho Lavinha.....	2\$00
Alfredo Lourenço.....	6\$05	Manuel António Costa.....	1\$00
António José.....	6\$05	José Costa Serralheiro.....	2\$00
Manuel Barreiros.....	6\$05	Francisco Baleiro.....	2\$00
António Nunes Fernandes.....	6\$05	Manuel Neves.....	2\$00
Clemente da Silva.....	6\$05	Manuel Branco Relys.....	2\$00
Jaime Rodrigues Cunha.....	6\$05	José Gomes dos Reis.....	2\$00
Eduardo Augusto Gomes.....	6\$05	Domingos Carneiro Coelho.....	2\$00
Enrique Nunes.....	6\$05	Agostinho H. Ferreira.....	2\$00
Augusto Joaquim.....	6\$05	José Batista.....	2\$00
Quetes em Castelo Branco — Contribuintes:		Manuel Baleizão.....	2\$00
Fábrica Pires Tavares.....	5\$30	Anónimo.....	2\$00
Severino e filhos.....	2\$35	Manuel Garcia (Espanhol).....	2\$00
Pardal.....	2\$10	M. C. L.....	2\$00
Burgos.....	1\$60	Marcelino Franco Ramos.....	1\$00
José Vilhena.....	1\$00	Francisco Feronha.....	1\$00
José Correa.....	1\$00	Manuel Coelho.....	1\$00
Lourenço Couvinha.....	2\$20	José Junça.....	1\$00
Júlio Silva.....	2\$20	F. F. Guinapo.....	1\$00
Desertor.....	3\$00	Manuel Grosso dos Reis.....	1\$00
Um Refractário.....	3\$00	António Veiga Granau.....	2\$00
Enrique Roque Silva.....	3\$00	Quete em Reims — Marne — Contribuintes:	
Serafim dos Anjos.....	3\$00	António de Castro.....	20
A. J. F.....	3\$00	João de Sousa.....	4
Sacrorév Vilhena.....	3\$00	Joaquim Rodrigues.....	3
Jorge Augusto Migueis.....	3\$00	António da Silva (Erme-zinde).....	5
Sebastião Agostinho.....	3\$00	Joaquim Alves dos Santos.....	5
Joaquim Alexandre Baptista.....	3\$00	Mário Aurélio Ferreira.....	2
Alfredo Augusto Torres.....	3\$00	Alberto Augusto Alves.....	2
Domingos Ramos.....	3\$00	Joaquim Alves.....	5
João M. Pires Magro.....	3\$00	João Dias 'Correa.....	1
Luís dos Santos Riscado Afri-dor.....	3\$00	António Gonçalves Mo-ras.....	3
Um anónimo.....	3\$00	Cosme Dias.....	3
Desertor.....	3\$00	J. P. Estrela.....	3
António Pires Estrela.....	3\$00	António Ferreira Gon-çalves.....	3
Sarrafo.....	3\$00	Carlos Ribeiro Moreira.....	2,5
Manuel Lucas.....	3\$00	Enrique Gonçalves Viei-ra.....	3
Joaquim Lucas.....	3\$00	Higino Miguel Borges.....	3
António Augusto Torres.....	3\$00	António Augusto Alves.....	2
Francisco Alexandre Baptista.....	3\$00	Avellino António da Sil-va.....	10
Manuel Martins Eusébio.....	3\$00	Eduardo Gonçalves Mo-ras.....	3
Caetano Bicho.....	3\$00	António Afonso Pereira.....	1
José dos Santos Padeiro.....	3\$00	José Lourenço.....	1
João Vaz Santos.....	3\$00	António Ribeiro da Silva.....	5
Pedro Beronha.....	3\$00	Aurélio de Sousa.....	5
José Boavida.....	3\$00	António da Silva (Leiria).....	5
Alice.....	3\$00	José Joaquim Arelas.....	5
António Santos.....	3\$00	Um anónimo A. C.....	0,5
Joaquim Fradique.....	3\$00	Total francos.....	110
António Pedro Monteiro.....	3\$00	Que renderam ao câmbio da data da recepção.....	47\$30
João Duarte.....	3\$00	A transportar.....	14.462\$94
José Barroso.....	3\$00	A transportar.....	14.521\$94
Quete no Porto. — Contribuintes:			
Joaquim Vieira.....	5\$00		
António Vieira.....	5\$00		

ALEMANHA

A indemnização exigida pela Entente é considerada absurda
BERLIM, 17. A imprensa alemã caracteriza o relatório francês, em conformidade com o qual a Entente exige da Alemanha 170 milhões de marcos de indemnização, como fantástico e absurdo. — *Rádio*.

As autoridades francesas tratam com desprezo os alemães naturalizados
BERLIM, 17. — A imprensa da Alsácia Lorena, referindo-se aos alemães dali e à emigração indirectamente forçada pelas medidas políticas e económicas, diz que os alsacianos-lorenses de origem alemã naturalizados, em França, tem sido tratados com desprezo pelas autoridades. — *Rádio*.

AS GREVES

O movimento ferroviário

Conserva-se no mesmo pé
Persiste a má vontade da parte do governo em atender as justas reclamações dos ferroviários, pois a outras classes dependentes do Estado tem atendido, embora também sejam justas, por que para todos a vida encareceu e todos necessitam de melhoria de situação.

Mas o governo, com o seu procedimento irritante, não quer saber das graves inconvenientes que causa ao país a paralisação dos transportes; quer só manter-se no seu capricho e é quanto basta, posto que as culpas do mal são atribuídas para cima dos ferroviários.

Assim se vai prejudicando o público, que vai aguentando as casmurrias dos governantes, e irritando os ferroviários que lutam por mais um pouco de pão.

Nota oficial

Do Comité Central dos Ferroviários de Portugal
Continua estacionária a situação do movimento grevista em todas as linhas, não retomando o pessoal o trabalho sem que justiça lhe seja feita, revogando-se os Decretos 6960, 7014, 7015 e 7016, demitindo o Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, e atendendo as suas reclamações económicas e morais, em conformidade com as notas entregues em 1 e 10 do p. p., respectivamente pelos ferroviários do Estado e C. P.

Veio robustecer a razão que assiste aos ferroviários o facto da publicação de um Decreto concedendo ao funcionalismo público um aumento de vencimentos com o mínimo de 105\$00 mensais, em ordenado fixo, enquanto que se pretende impor aos ferroviários vencimentos que não atingem em média mais de 90\$00.

Como o funcionalismo público, outras classes já foram atendidas nas suas reclamações, muito justas, ficando com salários e vencimentos superiores a 5\$00 diários.

No Minho e Douro

A greve ferroviária mantém-se. Material estragado — Alibardia de fúnil não impede que os grevistas se reúnam e ataquem os decretos do filho do peliqueiro — Nota oficial

PORTO, 14. — C. — As notas oficiais das autoridades militar e civil afirmam todos os dias a normalização dos serviços nas linhas do M. e D. Mas a força de persistirem na intriga, já ninguém acredita na lealdade dos informes oficiais. Cada vez está mais desmantelado o material; estão a suceder continuamente descarrilamentos e outros incidentes que acarretam grandes prejuízos para os caminhos de ferro. O comboio correio militar ficou hoje encravado na Régua, porque descarrilou; o do Minho chegou com grande atraso, mercê da locomotiva avariada. Em face desta verdadeira destruição do material que às vezes pretendem fazer passar por actos de sabotagem, quando é devida à incompetência do pessoal miliciano, o público começa de inquietar-se, e a irritação está a desenvolver-se contra o governo, a quem o consideram caturra, inepto e perigoso, que tudo complica em vez de suavizar.

E' tudo quanto se pode dizer da greve, que se mantém, como no primeiro dia. As perseguições igualmente continuam, andando a polícia atarefada em descobrir os membros que compõem o Comité do norte. A liberdade dos grevistas reúne-se, como é de conhecimento de todos, impedida. E as tipografias são frequentemente visitadas pela polícia da segurança afim de apreender o original para qualquer manifesto ferroviário, ou então apreender os impressos. Contudo, alguns manifestos tem sido animando os grevistas, que se encontram disseminados pela cidade, fugindo à perseguição do chafalho.

Hoje, apesar da argúcia policial e das ordens rigorosas para dispersar os grupos grevistas, estes efectuaram, num dos arredores da cidade, uma reunião, que foi de pouca duração, para que nenhum denunciante fizesse avançar, a troce, algum esquadrão de cavalaria, prestes a maltratar os que reclamam um pouco de pão.

Foi atacado o decreto-burla do go-

Notas várias

Nas Caldas da Rainha, costumam os ferroviários em greve assistir, fora da estação, à passagem daqueles comboios que se tem conseguido formar. No sábado, o oficial da guarda republicana ali de serviço perseguiu esses operários, disparando sobre eles alguns tiros de pistola, conseguindo prender quatro.

Levou-os para o quartel de infantaria 5, onde o respectivo 2.º comandante, em virtude de ver que eles eram portadores de A. D. U. (Documento Único), que não lessem o nosso jornal porque era um de gatinhos!...

Ora nós devíamos fazer prova as afirmações do senhor que as proferia. Mas julgamos não valer a pena ligar importância aos seus amargos de boca.

aconselhando-o somente a ser um pouco mais moderado no que diz.

E para terminar diremos que, a normalização do serviço continua... e assim temos que um comboio das Caldas para Lisboa levou 9 horas no trajeto.

VENDAS NOVAS, 15.—Com referência à normalização dos comboios do Sul e Sueste, como dizem as notas oficiais do governo, continha a informação pública e todos os camaradas, onde os comboios ainda não chegaram depois de declarada a greve: mas que por qualquer meio possam obter a BATALHA, pois que este é o único jornal por onde a classe ferroviária se pode melhor orientar na marcha do movimento grevista.

Nesta estação, o movimento de comboios tem sido o seguinte, além dos que a BATALHA já tem publicado:

A 22 horas do dia 11 chegou um comboio de passageiros, vindo do Alentejo, que só partiu às 7 e 40 do dia 12, estando portanto retido 9 horas e 50 minutos, pernando entre os passageiros nas carruagens, porque, depois da normalização, não há comboios de noite.

A 14 e 45, de 12, passou outro comboio com 4 carruagens viajas e 4 vagões de cereais, para o Barreiro. A 15 e 45, passou um comboio de passageiros para o Alentejo, com uma máquina 28, com 4 vagões de mercadorias na maior parte adubos. Demorou aqui 60 minutos, formando lenha. No dia 15, às 17 horas, passou a máquina 302, com um comboio de passageiros, com 14 carruagens, sendo quasi todos militares, demorando aqui 30 minutos. Tivemos ocasião de falar com muitos dos passageiros, dizendo-nos alguns que tinham embarcado no sábado em V. R. de Santo António, tendo já 5 dias de comboio e doutros, estamos como aquele almocente que dizia andar o seu burro 7 léguas em 14 dias...

A 11 e 50 do dia 14, passou a máquina 202 para o Sul, com 14 vagões de adubo, formando nesta estação 7 vagões de madeira que aqui se encontravam já antes da greve, demorando-se 2 horas. A 12 e 30, passou para o Barreiro a máquina 61, com 4 vagões de madeira, com um comboio de passageiros, demorando-se 1 hora e 10 minutos. A 15 e 15, passou para o Sul o comboio de passageiros do novo horário, com 3 horas de atraso.

Todos os comboios passam com grandes atrasos, e os de passageiros, devido à normalização dos serviços, ficam em Beja retidos nessa noite, como se vê pelo novo horário.

No dia 12 passou no comboio correio o pagador do Sul e Sueste, que veio à linha fazer pagamento, só aos amarelos. Há 5 dias que aqui vem uma máquina da C. P. que apenas traz 2 carruagens, levando 30 desta estação 15 vagões que se encontram já antes da greve. A máquina aqui nunca mais foi carregado nem descarregado vagão algum. A ausência do pessoal é completa à excepção dos amarelos que a BATALHA já tem publicado a respeito de um malta tarde nos ocuparmos.

O pessoal da C. P. em serviço nesta estação, a excepção de um auxiliar, está todo no serviço de manutenção da linha, militar não quer os ferroviários e as famílias no recinto da estação, e ainda há poucos dias, disse para a esposa do chefe, depois de a ter posto fora da terra da linha, que a queria a 300 metros desviada. O nosso camarada Ferreira, carregador nesta estação, tem mandado de captura pelo capitão da força.—Um ferroviário.

Operários municipais

A fim de apreciarem a marcha do seu justo movimento, reuniram ontem os operários municipais em sessão magna, tendo falado alguns camaradas que demonstraram a nobre atitude que a classe tem mantido na defesa da sua causa.

Foi lido o comunicado do Comité Central, que foi ovacionado com vibrantes vivas à greve geral dos operários municipais.

Falou um delegado da U. S. O., organismo que está servindo de mediador neste conflito, expondo as demarches realizadas junto do presidente do ministério e da Câmara Municipal, demonstrando largamente a razão e a justiça que cabe ao pessoal em greve, apresentando por fim a plataforma que foi presente à câmara para a solução do conflito, a qual foi aprovada por unanimidade, com o aditamento de que sejam cumpridas formalmente as 8 horas de trabalho, pois há ainda operários que trabalham 12 e 15 horas, como é por exemplo o pessoal das sentinas.

Foi proposto e aprovado que se tornasse público "quais os salários que recebem" os operários que estão ao serviço da Câmara.

A sessão foi encerrada com vivas à greve dos operários municipais, U. S. O., C. G. T. e à BATALHA.

A classe reúne hoje, pelas 16 horas, na travessa da Agua da Flor, 10-1.

Do Comité Central receberam a seguinte comunicação:

Já vão decorridos alguns dias que nos encontramos em luta, não só reclamando mais um pouco de pão, mas também pelas nossas reivindicações de carácter moral.

Camaradas: a situação que nos encontramos a forma como tem sido atacadas as classes em luta, pelo chamado da Rua Formosa, este Comité também vos aconselha a que lhe mostre todo o desprezo que lhe possa dar, não comprando semelhante jornal, porque até ultimamente, em artigo de fundo da edição da noite, declarava que não eram exigentes.

Camaradas: os nossos salários efectivamente são tão elevados?

Este Comité tem conhecimento de que em algumas ruas da cidade se fazem monteciras, o que se torna prejudicial à saúde pública, mas como se trata de especuladores e trabalhadores que pedem mais pão, admitimos.

Camaradas: cada dia que passa mais unidos vos deveis mostrar, porque a Câmara não poderá manter a sua situação, pois que quanto mais durar esta situação mais prejudicial se torna.

Este Comité confia na vossa união como fontes demonstrando até hoje, declarando que vitória está garantida, porque a normalização dos serviços anunciados em alguns jornais, é o que se vê, limpando só unicamente as ruas da cidade.

Camaradas: quem poderá normalizar os serviços municipais, são vós, porque vós éis que os conheceis.

Camaradas: é hoje o dia em que os nossos patrões esperam o nosso fracasso e como deveis responder? Mantendo-vos firmes. Se nos mantivermos firmes, temos a nossa causa ganha, porque é o que merece.

Avante, pois, camaradas.

Viva a greve dos operários municipais.

O Comité Central.

Ainda a greve marítima

Quando foi do movimento das classes marítimas, alguns marítimos de Vila Franca portaram-se menos dignamente, trabalhando com as suas fragatas durante a greve, o que revoltou todos os camaradas.

Ontem chegou um barco dali carregado com cascos de vinho, não podendo descarregar, pois os camaradas descarregadores de mar e terra, cumprindo uma resolução da Federação Marítima, recusaram-se a fazer a descarga, a não ser que a carga fosse baldeada para uma embarcação onde não houvesse amarelos.

Lêde e prodaga

Trabalhadores. A BATALHA

A BATALHA no PORTO

A situação miserável complica-se—Rouba-se desafortunadamente sob o pretexto da greve ferroviária—Frases revolucionárias da imprensa burguesa—Medidas: prisões de avançados—O general de divisão não toma responsabilidade mas manda prender

PORTO, 13.—C.—A situação é atroz. A loucura do ganho, a febre do predomínio, a doidice do luxo, o desperdício por sistema, a venda das influências e a traficância das consciências—marcam a aproximação da tragédia que se avizinha. Querem a salvação do país; mas são precisamente aqueles que a desejam mais insistentemente, os que mais insistentemente também o confundem. Não há carácter, moral, dignidade e ainda muito menos a visão da catástrofe.

«Eh! gentes, toca a encher! A greve dos marítimos serviu-nos de pretexto para o saque legal à greve dos ferroviários continua a fornecer-nos o mesmo pretexto. E assim pensam, e fazem os comerciantes, encarecendo tudo duma maneira pavorosa, estupenda, macabra. E são justamente eles os que protestam contra as greves, os que fingem indignar-se contra os seus efeitos quando eles são as suas causas.

Falta-nos o pão, o carvão, o azeite, as batatas e o açúcar. O resto que se pode encontrar, sobe de preço, de minuto a minuto. Porque? Porque, segundo um diário da terra — O Jornal de Notícias — os comerciantes são «capelos formados em patifaria»; porque, «a verdade é esta: a hora da ganância chegou e, na fome de que todos se sentem possuídos, sente-se, por toda a parte, um afiar de dentes minuciosos. O país divide-se em dois bandos: o dos exploradores e o dos explorados; e, na louca vertigem em que os primeiros exercem a sua indústria, sente-se que acordam neles todos os instintos ancestrais do antigo banditismo armado e truculento».

Estas frases, impressas num jornal burguês e de balcão, portanto, definem bem a situação da terra das tripas, que é, afinal, a situação do país. Os argumentos caseiros, já de si desequilibrados, acabam de se desequilibrar ainda mais. Há angústia em todos os lares e pragas em todos os lábios; há as exigências dos mercadores que levantam o crédito e a dúvida em todas as almas que interrogam o dia de amanhã. Caminha-se por sobre um vulcão prestes a fazer a erupção.

Disto tudo se infere, como já os governantes inferiram, de que novas greves vão rebentar, sucessos aliás já previstos pela imprensa burguesa, que é a própria a reconhecer que os salários, em face da bacanal mediocridade, se vão mingando. «Quais as medidas adoptadas pelas autoridades? Fazem encoller as garras aos abutres, que separam os indivíduos dos indivíduos, as famílias das famílias, as classes das classes, anarquiando-se dessa maneira todos os elementos activos da nação». Não.

Em primeiro lugar, apela para o sentimento desinteressado e patriótico dos comerciantes desta praça: o domínio da intrínseca; e em segundo lugar, prendem elementos avançados, com largo cadastro de agitadores, para que as greves abortem, para que a visão vermelha do bolchevismo, que se desenha no fundo negro do catolicismo, se apague, pelo menos momentaneamente.

As consequências do apelo ao patriotismo dos comerciantes, já todos os estamos a sentir, quanto à segunda medida, as perseguições e as prisões, ela já fez estas vítimas, entre outras menos conhecidas. Eduardo da Silva Baltazar.

Alfredo da Silva Baltazar: Manuel Viegas Armando Ramos, por andarem a distribuir manifestos que a polícia considerou subversivos. Salvaterra Júnior e Manuel Ferreira Torres foram já postos em liberdade.

Para o 1.º Juízo de Investigação criminal foram enviados Julião José Ribeiro e Manuel Costa. Costa Carvalho e outros foram à presença do general da divisão. Sendo perguntado a ele quem tomava a responsabilidade das suas prisões, o referido general declarou ao camarada Costa Carvalho que não tinha dado ordens nesse sentido a ninguém. Mas então, para que foram aqueles presos à presença do general e recolheram à Casa de Reclusão? Parece tudo uma questão de brincadeira, e é a brincadeira, na inconsciência do perigo, que se pretende resolver as questões mais sérias.

Oram seria que deixassem de prender e perseguir os operários, e perseguissem e prendessem os verdadeiros culpados de toda esta miséria moral e material, indo às classes comerciais e industriais, porque lá é que eles são os culpados.

Este Comité tem conhecimento de que em algumas ruas da cidade se fazem monteciras, o que se torna prejudicial à saúde pública, mas como se trata de especuladores e trabalhadores que pedem mais pão, admitimos.

Camaradas: cada dia que passa mais unidos vos deveis mostrar, porque a Câmara não poderá manter a sua situação, pois que quanto mais durar esta situação mais prejudicial se torna.

Este Comité confia na vossa união como fontes demonstrando até hoje, declarando que vitória está garantida, porque a normalização dos serviços anunciados em alguns jornais, é o que se vê, limpando só unicamente as ruas da cidade.

Camaradas: quem poderá normalizar os serviços municipais, são vós, porque vós éis que os conheceis.

Camaradas: é hoje o dia em que os nossos patrões esperam o nosso fracasso e como deveis responder? Mantendo-vos firmes. Se nos mantivermos firmes, temos a nossa causa ganha, porque é o que merece.

Avante, pois, camaradas.

Viva a greve dos operários municipais.

O Comité Central.

Ainda a greve marítima

Quando foi do movimento das classes marítimas, alguns marítimos de Vila Franca portaram-se menos dignamente, trabalhando com as suas fragatas durante a greve, o que revoltou todos os camaradas.

Ontem chegou um barco dali carregado com cascos de vinho, não podendo descarregar, pois os camaradas descarregadores de mar e terra, cumprindo uma resolução da Federação Marítima, recusaram-se a fazer a descarga, a não ser que a carga fosse baldeada para uma embarcação onde não houvesse amarelos.

Lêde e prodaga

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

Trabalhadores. A BATALHA

mercantil e industrial buscá-los, porque lá é que eles abundam, porque vêem a «ganância impune tripudiando sobre a miséria e escarnecendo da fome».

Ecoss da manifestação de segunda-feira

PORTO 14.—C.—O industrialismo não levou a bem a atitude do operariado em abandonar segunda-feira, de tarde, o trabalho, para, num gesto nobre de repulsa, se manifestar contra os comerciantes e industriais que deliberaram apoiar o governo e insurgir-se contra as greves. Por tal motivo, em algumas fábricas houve perseguições, que de pronto se sanaram devido à intervenção do restante pessoal. Na fábrica dos Marinhos, a perseguição, porém, não foi movida pelos donos, mas por um raio da sua confiança. Porque o fogueiro dessa fábrica faltasse na tarde acima indicada, o maquinista—o raficor—que é uma espécie de encarregado mór, suspendeu o seu companheiro por bofetada, ao que o patrão acedeu, por que isso de bofetada era coisa ruim...

À saída, o fogueiro exprobou a valhiquice do maquinista, e como este levantasse a pata para o agredir, valeu-lhe um legítimo e bom corrêto da parte da vítima. Casos idênticos se deram em outras partes; só a atitude do pessoal dos Marinhos é que diferiu porque não devia consentir na patifaria, como se fez noutras casas.

As prisões

Continuam presos aqueles camaradas acusados de terríveis crimes. Costa Coelho continua a ser vítima do famigerado Vieira Marques: está dois dias em liberdade e oito sob prisão. Ele declara que não vale a pena. Ele é mandado, ele é quem põe e dispõe, mais que o governador civil, mais que o general. Pelo menos é o que se desprende do que se passou entre o camarada Costa Carvalho e o chefe da divisão militar. Esclareçamos: Costa Carvalho, Costa Coelho e outros foram à presença do general. O primeiro apresentou-se ele tomava a responsabilidade da prisão, visto que fora legal, arbitraria, estúpida, quando estava muito sosegado em sua casa. Não, o sr. general não dera ordem para prisões ali; Vieira Marques, portanto, é que lhe solicitara soldados para o auxiliar no desempenho do seu serviço. Daí, ele lavava as suas mãos... E aí está como o Porto está sujeito a estes maganões, como quem dispõe da ponta dum charuto pago com o dinheiro dos cofres públicos... Até quando, ó Catilinas?

Um processo que custa a resolver...

Há três meses e pico que está suspenso Manuel Serafim Silva, vítima do republicano-monárquico Bernardo de Figueiredo, o conhecido S. Bernardo. Há três meses e pico que este o insultou, lhe quiz bater e iniciou a mais feroz perseguição, suspendendo-o por cinco e elaborando-se depois um processo apelo a uma sindicância. Apesar do processo estar, há muito tempo, na administração, não há meio de se resolverem a julgar definitivamente, liquidando o assunto; com ou sem condenação, grande ou pequena. Ora Bernardo de Figueiredo, o S. Bernardo, foi, como prêmio da traição aos seus colegas graduados, por ocasião da greve, para Lisboa, para lugar chorudo. Dar-se há o caso de, aí, quando prosseguir nos seus maneios jesuíticos? É provável, pois tem havido coisas de muito maior monta e elas tem-se resolvido mais rapidamente. Bom será que tomem, os despotas, juízo...

Correios e telégrafos

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

Devido ao último decreto publicado sobre as remunerações do pessoal dos correios e telégrafos, os empregados menores tem reunido ultimamente para o apreciar, sendo o descontentamento geral. Por se constar das reuniões efectuadas, correu o boato de nova greve daqueles funcionários. O que, porém, está resolvido, é partir um delegado a Lisboa a entender-se com os seus camaradas e ver se possível harmonizar os interesses e eliminar as desigualdades e absurdos contidos no diploma governamental.

A BATALHA

Novo Conflito Marítimo

SETUBAL, 16.—C.—A organização operária de Setubal, tem nos últimos tempos dado grandes surpresas a todos os militantes sindicalistas, que não conhecem a situação em que se encontram os sindicalistas operários desta cidade. Ainda não há muito que uma grande questão surgiu entre os marítimos e as classes anexas à indústria de conservas, por causa dos cércos a vapor. Nesta questão os marítimos deram provas duma grande energia e solidariedade, lutando todos, tanto das artes dos patrões como dos cércos da cooperativa, unidos como um só homem.

Toda a gente julgava que já mais se quebraria uma tão forte solidariedade entre os marítimos; porém os factos ultimamente sucedidos demonstram o contrário.

Já há muitos anos que os pescadores dos cércos dos patrões costumavam trazer nos buques as chamadas *proas e caixotes*, ou seja peixe num total de 12 % do que continham as referidas embarcações, que era vendido em proveito dos pescadores de cada cércio. Há tempos por imposição da alfindega, ou do capitão porto, foram abolidas as tais *proas ou caixotes*.

Os pescadores das artes dos patrões receberam de mau humor tal deliberação, que tanto os prejudicava e reunindo-se na Associação dos Trabalhadores do Mar, foi pela respectiva direcção dadas os patrões davam os mesmos 12 % em dinheiro, depois do peixe vendido. Embora tal deliberação fosse muito mal recebida, a assembleia não tomou qualquer outra resolução e todos retomaram o trabalho em boa ordem.

Mas com grande surpresa de todos o *truc* começa a aparecer. Os *gaianes* (indivíduos que procedem à venda comprada do peixe nos cais por conta das fábricas dos cércos) de combinação com os guardas da alfindega, davam ao manifesto metade e muitas vezes menos, do rendimento do peixe; e quando os pescadores recebiam as importâncias das percentagens, estas eram pagas pelo valor dado ao manifesto pelos *gaianes* e pelos guardas, ficando assim roubados os marítimos e a alfindega, e revertendo o roubo em proveito dos guardas e dos *gaianes*.

Os pescadores que sabiam mais ou menos, quanto rendia cada *buque* de peixe, logo pelo roubo de que eram vítimas e reclamaram dos patrões a percentagem de 30 por cento sobre o valor do peixe. Ou seja mais 18 por cento sobre os 12 por cento que já tinham. Os patrões responderam oferecendo 15 por cento, ou seja mais 3 por cento sobre a percentagem dos 12 por cento que os pescadores já tinham. Estes, reunindo-se para apreciar a resposta dos patrões, resolveram instar pela reclamação dos 30 por cento, ou pelo antigo regime das *proas e caixotes*. Como da parte dos patrões se mostrasse absoluta resistência, os pescadores dos sete cércos dos patrões, declararam-se em greve e pediram apoio à cooperativa dos marítimos. Mas qual é o espanto de toda a gente, quando a direcção da cooperativa, responde por meio dum ofício, no qual alegava coisas verdadeiramente irrisórias, para justificar esta última parte: *Em face do exposto recusavam-vos o nosso apoio moral e material*.

Assim procedeu a direcção da cooperativa marítima, para com os seus mais fieis amigos de ontem, que se mantiveram a seu lado numa luta heroica, sem nada terem a ganhar, a não ser pelo lado moral.

Em face disto os pescadores dos cércos dos patrões oficiaram a todas as associações pedindo o seu apoio moral. Os delegados destes reuniram para resolver sobre o caminho a seguir.

Reclamos

Teve ontem de novo, enorme concorrência o Nacional, com a linda peça *Amor e Rivalidade*, de Almeida Garrett, aplaudido, entusiasmado, a obra, que encerra uma profunda lição de moral, e em cujo desempenho muito se distinguem Amélia Rey Colaço e Roberto Monteiro.

Ainda ontem deu uma colossal enchente ao Ginásio a famosa peça *Duas Causas*. Apesar disso, depois de esta noite, sendo, porém, a última vez que teremos ocasião de aplaudir José Alves da Cunha em todo o seu assombroso trabalho nessa peça, e muito especialmente, no 3.º acto, em que sempre arrebatou o auditorio. Amélia, é a primeira da farça *Os Irmos Unidos*.

A recta desta noite no Eden, dedicada a Empresa do popular e gracioso actor Artur Rodrigues, e a noite-pénultima apresentação da companhia, e também, da revista *Sem Camisa*, que vai a scena com todas as atrações, o quadro novo e numeroso novos, e com várias surpresas pelo festivo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A 21, 30.—Amor e Rivalidade, de Almeida Garrett, aplaudido, entusiasmado, a obra, que encerra uma profunda lição de moral, e em cujo desempenho muito se distinguem Amélia Rey Colaço e Roberto Monteiro.

Ainda ontem deu uma colossal enchente ao Ginásio a famosa peça *Duas Causas*. Apesar disso, depois de esta noite, sendo, porém, a última vez que teremos ocasião de aplaudir José Alves da Cunha em todo o seu assombroso trabalho nessa peça, e muito especialmente, no 3.º acto, em que sempre arrebatou o auditorio. Amélia, é a primeira da farça *Os Irmos Unidos*.

A recta desta noite no Eden, dedicada a Empresa do popular e gracioso actor Artur Rodrigues, e a noite-pénultima apresentação da companhia, e também, da revista *Sem Camisa*, que vai a scena com todas as atrações, o quadro novo e numeroso novos, e com várias surpresas pelo festivo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A 21, 30.—Amor e Rivalidade, de Almeida Garrett, aplaudido, entusiasmado, a obra, que encerra uma profunda lição de moral, e em cujo desempenho muito se distinguem Amélia Rey Colaço e Roberto Monteiro.

Ainda ontem deu uma colossal enchente ao Ginásio a famosa peça *Duas Causas*. Apesar disso, depois de esta noite, sendo, porém, a última vez que teremos ocasião de aplaudir José Alves da Cunha em todo o seu assombroso trabalho nessa peça, e muito especialmente, no 3.º acto, em que sempre arrebatou o auditorio. Amélia, é a primeira da farça *Os Irmos Unidos*.

A recta desta noite no Eden, dedicada a Empresa do popular e gracioso actor Artur Rodrigues, e a noite-pénultima apresentação da companhia, e também, da revista *Sem Camisa*, que vai a scena com todas as atrações, o quadro novo e numeroso novos, e com várias surpresas pelo festivo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A 21, 30.—Amor e Rivalidade, de Almeida Garrett, aplaudido, entusiasmado, a obra, que encerra uma profunda lição